

ESBOÇO PARA UMA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA E OUTROS TEXTOS DE JUVENTUDE.

ENGELS, FRIEDRICH. São Paulo: Boitempo, 2021. 296 pp.

Recebido em 19/11/2021

Aprovado em 11/01/2022

O interesse pela obra de Friedrich Engels tem crescido nos últimos anos. Considerado o “segundo violino”, nas palavras excessivamente humildes do próprio Engels, a sua importância na elaboração do socialismo científico está se tornando cada vez mais evidente à medida que novas publicações surgem. De fato, trata-se de um autor gigante, de importância essencial. Independentemente do que pensava Engels, definitivamente ele não foi um coadjuvante de Marx. É o que o leitor poderá conferir em *Esboço para uma crítica da economia política e outros textos de juventude*, publicado agora pela Boitempo. Como anuncia o título, além do “Esboço para uma crítica da economia política”, o livro traz mais dez textos escritos entre os anos de 1839 e 1849, sendo que apenas três circularam em português.

Os textos estão apresentados em ordem cronológica. O primeiro, “Cartas de Wuppertal”, uma série de textos de caráter jornalístico publicados em março e abril de 1839 para a revista alemã *Telegraph für Deutschland*, que circulou entre 1838 e 1848. Nessas “Cartas...” podemos ver o jovem Engels, com apenas 18 anos – que assina sob o pseudônimo de Friedrich Oswald –, comentar sobre os impactos da revolução industrial e denunciar as condições de trabalho degradantes nas fábricas das cidades de Barmen e Elberfeld, onde “as pessoas respiram mais fumaça de carvão e poeira do que oxigênio, e isso geralmente desde o sexto ano de vida [...]” (p. 60). A crítica à religião também está presente. Diz Engels com fina ironia “[...] numa oficina de ferreiro ou num ateliê de sapateiro de

MARCELO PEREIRA FERNANDES

Doutor em Economia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFFRJ)

E-mail: mapefern@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4550-8564>

propriedade de pietistas”, via-se “o mestre, tendo à direita a bíblia e à esquerda, com bastante frequência ... a aguardente” (p.61).

No segundo e terceiro ensaios, “Schelling sobre Hegel” e “Schelling e a revelação”, Engels, ainda assinando como Friedrich Oswald, toma parte da defesa de Hegel contra Friedrich Schelling. O rei Frederico Guilherme IV decidiu nomear Schelling como professor de filosofia da Universidade de Berlim, visando acabar com a influência dos jovens hegelianos. Engels viu no ímpeto reacionário de Schelling contra Hegel uma vingança, pois Hegel declarou a morte de Schelling anos antes. Escritos entre o fim de 1841 e o início de 1842, os textos tiveram base em anotações do próprio Engels, que, embora jovem, não teve nenhum receio em apontar “o caráter fantasioso e ilógico” (p. 97) do pensamento de Schelling imerso “no abismo escuro da fantasmagoria” (p. 111).

Em “Cartas de Londres”, uma série de textos publicados no semanário alemão *Schweizerischer Republikaner* em 1843, Engels discutirá o socialismo e o movimento cartista que afluía na Inglaterra, a “pátria da economia política” (p. 130). Aqui Engels apontava que o socialismo recrutava a classe média baixa e os proletários, e com isso concluía que, na Inglaterra, quanto mais baixa e “inculta”, no sentido formal, for a posição de uma classe, mais perto ela estará do progresso.

O quinto texto, “Progresso da reforma social no continente”, marcou o começo da parceria de Engels com o *The New Moral World*, jornal lançado por Robert Owen em 1834. Neste texto Engels apresenta aos ingleses o movimento comunista em três países especificamente: França, Alemanha e Suíça. Engels analisa dois reformadores sociais franceses que lideraram o movimento que depois ficou conhecido como socialismo utópico: o conde de Saint-Simon e Fourier. Saint-Simon, com sua “poesia social”, formou uma seita semelhante à dos socialistas de Ham-Common, na Inglaterra, com seu ideal ascético. Inicialmente o saint-simonismo teve algum prestígio, mas logo desapareceu. O segundo, Fourier, chamou mais atenção de Engels. Embora os dois movimentos trouxessem um ar de misticismo, o de

Fourier foi o primeiro que teria estabelecido que a soma de todos os trabalhos individuais deve ser um poder propício para atender às necessidades de toda a sociedade. O problema para Engels era que, ao contrário dos comunistas, o fourierismo não demandava o fim da propriedade privada.

Na Alemanha, Engels atenta para influência dos reformadores sociais nos operários alemães, já que estes visitavam Paris de forma contínua. Um destes operários, o alfaiate Wilhelm Weitling – que mais tarde se tornará seu adversário –, assumiu grande liderança, podendo ser considerado o fundador do comunismo alemão, ainda que Weitling julgasse o cristianismo e o comunismo como sendo a mesma coisa.

O sexto texto, “Esboço para uma crítica da economia política”, é o destaque da coletânea. Publicado nos Anuários franco-alemães em 1844, não por acaso chamou a atenção de Marx, que anos mais tarde, no “Prefácio à crítica da economia política”, definiu “Esboço...” como uma obra genial. Logo de início Engels diz que a economia “[...] traz na testa a marca do mais repugnante egoísmo” (p. 161). A nova economia, que destronava o sistema mercantilista, mostrava-se tão hipócrita quanto o sistema anterior. Engels afirma que o novo sistema liberal foi um progresso necessário porque, sem a queda dos monopólios e das restrições ao comércio, as consequências da propriedade privada não poderiam florescer. Smith, “o Lutero da economia”, tentou conferir humanidade ao comércio com seu louvor ao vínculo de união entre as nações. Porém, no fundo, o comércio constituído nos princípios liberais incorporaria a antieticidade tanto quanto o comércio formado pelos mercantilistas. Assim, “No lugar da retidão católica impôs-se a hipocrisia protestante” (p. 165).

No texto também aparece a discussão sobre o valor. O jovem Engels atribuía equivocadamente a determinação do valor à concorrência (relação entre demanda e oferta). Mas é principalmente na concorrência que se dá a crítica de Engels. A concorrência e o monopólio seriam as palavras de ordem da economia política: a primeira, dos liberais, a segunda, dos mercantilistas. A questão é que, conforme Engels, com argúcia surpreendente,

“A concorrência é baseada em juros, e os juros criam, por sua vez, o monopólio; em suma, a concorrência se integra ao monopólio” (p. 173).

Engels então afirma que a produção sem coordenação, conforme defendem os economistas liberais, desembocará sempre em crises comerciais. Ele já observava que as crises no capitalismo eram crises de superprodução, quando em meio à abundância as pessoas morriam de fome. Os economistas, sem entenderem os motivos que levavam a essa situação – pois, para isso, todo o sistema de concorrência teria que ser abandonado –, criaram a reacionária teoria da população. Uma teoria absurda, que Engels desmontará facilmente em poucas linhas, lembrando da capacidade produtiva incomensurável do solo ao se utilizar capital, trabalho e ciência. E se a teoria da população teve algo de útil foi somente para mostrar como o sistema de concorrência transforma o homem em mercadoria, levando milhões à morte. E que com a superação da propriedade privada essa humilhação da humanidade também poderia ser superada. Apesar das falhas, notadamente sobre a teoria do valor, é neste texto que Engels, de forma pioneira, coloca à prova as relações econômicas burguesas através da crítica do materialismo-dialético. Não é pouca coisa para um jovem de 24 anos.

“Rápido progresso do comunismo na Alemanha”, sétimo texto do livro, foi publicado na revista socialista inglesa *The New Moral World*. Na realidade, são três artigos publicados entre dezembro de 1844 e maio de 1845. Neles, Engels faz um relato sobre o avanço do comunismo na Alemanha. Com confiança, Engels fala de reuniões, assembleias e a criação de uma revista trimestral dedicada à difusão do comunismo, apesar de uma justiça completamente reacionária, com a proibição de reuniões públicas e do direito de associação.

“Dois discursos em Elberfeld”, oitavo texto, são palestras proferidas na cidade de Elberfeld, na Alemanha, nos dias 8 e 15 de fevereiro de 1845. Aqui Engels fará, mais uma vez, a crítica da economia de livre concorrência, que ele chamará de “guerra de todos contra todos” (p. 202). Na sociedade burguesa que se está construindo, impera a fragmentação dos interesses, e

cada um trabalha para tirar vantagem para si próprio. Ao contrário do que sugere a “mão invisível” de Smith, esta situação traz consequências catastróficas. No comunismo, afirma Engels, os interesses dos indivíduos não se oporiam entre si, mas sim seriam reunidos. A concorrência seria suprimida e a produção e distribuição dos bens não se prestaria ao enriquecimento privado. Ademais, a força de trabalho não seria desperdiçada com coisas inúteis, uma vez que todos poderiam trabalhar ao invés de permanecer no desemprego involuntário. Engels ressalta ainda o papel revolucionário do proletariado, pois chegaria o momento em que este não aguentaria mais o peso de todo o “edifício social” e exigiria a repartição “dos ônus e dos direitos sociais” (p. 212).

O nono texto, “O *status quo* na Alemanha”, escrito em março e abril de 1847, está dividido em duas partes. Na primeira, Engels expõe sua rejeição aos chamados “socialistas verdadeiros”. Entre estes participavam não somente aqueles que se consideravam socialistas, mas também a maioria dos escritores alemães que se diziam comunistas. A questão para Engels era que este grupo não estava preocupado com resultados práticos, mas sim com “verdades eternas” pequeno-burguesas. “O socialismo verdadeiro é reacionário do começo ao fim”, sentencia Engels (p. 221). Na segunda parte, Engels faz uma análise sobre o *status quo* na Alemanha e sua condição de atraso em relação a outros países ocidentais. Olhando para Inglaterra e França, onde a burguesia já havia derrubado a nobreza, a burguesia alemã ainda não tinha conquistado o poder. Ao contrário desses países, na Alemanha só se poderia falar em burguesia no início do século XIX. Entretanto, a pequena burguesia, os camponeses e os trabalhadores estavam aquém de realizar a tarefa de derrubar o *status quo*. Apenas a burguesia teria condições de ser bem-sucedida nesta empreitada e fazer com que a Alemanha reduzisse a distância econômica em relação à Inglaterra e à França.

“Princípios do comunismo”, elaborado por meio de perguntas e respostas em novembro de 1847, serviu de base para a redação do *Manifesto do Partido Comunista* em 1848. O leitor poderá ver, portanto, como se formou o mais

famoso texto político da história. Por fim, no anexo “De Paris a Berna”, escrito em outubro e novembro de 1848, Engels faz uma descrição sobre sua viagem pela Europa. Engels observa, com acuidade, a exploração de trabalhadores em ateliês, mas também os vinhos da cidade de Borgonha, que ele, por isso, batiza de “república vermelha”.

Os ensaios trazidos nesta obra mostram cabalmente o gênio de Engels. O leitor poderá conferir os escritos de um jovem que se tornará alguém muito mais que um homem de talento. Tristram Hunt, um dos seus biógrafos, lembra que, no fim dos anos 1990, o legado de Marx ressurgia como o de um humanista, enquanto o de Engels era demolido, como uma figura mecânica cientificista. A obra que agora o leitor tem em mãos é mais um instrumento para desfazer este mito.

Referências

HUNT, Tristram. *Comunista de casaca*. Rio de Janeiro: Record, 2010.